

**AS ALMAS NA NATURALIDADE INGÊNUA.  
SOBRE RELAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE FENOMENOLOGIA  
E PSICOLOGIA**

**The souls in natural naivety.**

**On relations and differences between phenomenology and psychology.**

**Giovanni Jan Giubilato**

Doutor em Filosofia pela Bergische Universität Wuppertal, Mestrado em Filosofia pela Università degli Studi di Padova, sob a orientação do Prof. Dr. Franco Volpi, Membro do GT Fenomenologia (ANPOF). Professor Visitante no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras. Email: [giovannijangiubilato@hotmail.com](mailto:giovannijangiubilato@hotmail.com) . Orcid: [0000-0002-0305-6662](https://orcid.org/0000-0002-0305-6662)

**Victor Luis Portugal Clavisso**

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, Mestrando em Filosofia pela Georg-August Universität Göttingen. Email: [victor.portvgal@gmail.com](mailto:victor.portvgal@gmail.com) . Orcid: [0000-0003-1094-3646](https://orcid.org/0000-0003-1094-3646)

**Resumo:** O presente artigo pretende oferecer uma contribuição para a análise de alguns elementos fundamentais da fenomenologia husserliana, com o intuito de propor uma retomada crítica da discussão em torno das (possíveis) relações e divergências entre psicologia e fenomenologia. Com a finalidade de repensar e colocar em questão alguns fundamentos da peculiar recepção do pensamento fenomenológico no Brasil, a qual, evidentemente, tem uma longa e nobre tradição, e uma história dos efeitos [*Wirkungsgeschichte*] amplamente estabelecida, a primeira parte do texto propõe um renovado exame da crítica husserliana ao psicologismo. A segunda parte investiga como se constitui “a ideia da fenomenologia”, e sua tarefa transcendental, justamente a partir desta crítica e por meio de uma prolífica discussão com a psicologia.

**Descritores:** Husserl; fenomenologia; psicologia; constituição; mundanização.

**Abstract:** The present paper aims to offer a contribution to the analysis of some fundamental elements of Husserlian phenomenology and, therefore, to propose a critical resumption of the discussion around the (possible) relationships and divergences between psychology and phenomenology. In order to rethink and question some fundamentals of the peculiar reception of phenomenological thought in Brazil, which obviously has a long and noble tradition, and a widely established history of effects [*Wirkungsgeschichte*], the first part of the text proposes a renewed examination of Husserl’s criticism of psychologism. The second part investigates how the “idea of phenomenology”, and its transcendental task, constitutes itself through this criticism, and also through a prolific discussion with psychology.

**Keywords:** Husserl; phenomenology; psychology; constitution; enworlding.

## Introdução

Em um interessante e pouco conhecido texto de 1933, que trata da “mundanização psicológica do transcendental” (poderíamos dizer também da “constituição psicológica do transcendental no mundo”), Husserl escreve que “na naturalidade ingênua as almas ficaram, por assim dizer, presas na incompletude” (Fink, 1988, p. 213). A partir da sugestão inclusa neste fragmento, e da sua fascinante imagem de uma *psique que, na naturalidade ingênua, ficaria incompleta (e que portanto precisaria de um complementação transcendental)* – o propósito deste escrito consiste em provocar a reflexão e estimular o debate sobre as relações entre fenomenologia e psicologia, problematizando a possibilidade e a modalidade de pensar e, portanto, de estabelecer, relações e comunicações tanto num sentido quanto no outro. Com o fim de repensar e de colocar em questão alguns fundamentos específicos da recepção da fenomenologia husserliana no Brasil – a qual, evidentemente, conta com uma longa e nobre tradição, e com uma história dos efeitos [*Wirkungsgeschichte*] amplamente estabelecida<sup>1</sup> – na primeira parte do texto abordaremos um renovado exame da crítica husserliana ao psicologismo; na segunda parte, justamente a partir desta crítica, vamos investigar como “a ideia da fenomenologia”, e sua tarefa transcendental, se constituem justamente através de uma prolífica discussão com a psicologia. A ideia fundamental desta contribuição consiste na proposta de uma relação bilateral entre fenomenologia (ou filosofia fenomenológica) e psicologia (e as disciplinas da *psique*) a partir do reconhecimento da especificidade de cada uma, e sobre a base de uma série de “linhas-guia” mais gerais que podem ser resumidas nos cinco pontos que seguem.

1) A fenomenologia husserliana pré-transcendental por um lado identifica-se com os métodos da “psicologia descritiva” e, por outro, estabelece-se como disciplina filosófica autônoma, e voltada a uma crítica e fundação do conhecimento, justamente através de uma recusa que qualquer forma de psicologismo.

2) A fenomenologia transcendental husserliana constitui-se em radical oposição à psicologia e à aplicação de uma reflexão psicológica na filosofia;

---

1 Para alguns apontamentos preliminares acerca da chegada e desenvolvimento da fenomenologia no país, cf. Holanda (2016). Sobre o desenvolvimento da psicologia fenomenológica e suas possibilidades cf. Reis, Holanda & Goto, 2016; Goto, Holanda & Costa, 2018; e Orego, Holanda & Goto, 2020.

3) porém, a fenomenologia transcendental mantém um intenso diálogo com a psicologia, considerada como um “caminho introdutório” privilegiado à fenomenologia.

4) Nesse contexto, a psicologia foi de alguma forma “integrada” no sistema aberto da fenomenologia transcendental husserliana, especialmente no que diz respeito à necessária constituição do transcendental no psicológico<sup>2</sup> – que foi o tema de extensas pesquisas por parte de Husserl.

5) Portanto, parece-nos profícua a tentativa de pensar uma psicologia fenomenológica num sentido “pós-transcendental”, ou seja: abrir o campo e estabelecer os métodos adequados para que na psicologia (e nas disciplinas da *psique*) seja possível aproveitar os *insights* da fenomenologia transcendental num sentido eminentemente prático, ou pelo menos “científico”, com atenção particular à problematização do aspecto clínico (que, de fato, no Brasil é difundido em larga escala)<sup>3</sup>.

6) Para isso, é necessário um diálogo e um reconhecimento mútuo: por um lado fenomenologia deve compreender e abrir-se ao campo de pesquisa e de aplicação da psicologia e da psicopatologia – e aqui resultaria fundamental discutir a questão da “naturalização da fenomenologia”<sup>4</sup>; por outro lado as disciplinas da *psique* devem compreender “o transcendental” – este “campo fundamental da fenomenologia [que] é, por essência, independente de todo ser mundano, natural, e também não precisa dele para sua existência” (Husserl, 2006, p. 118-119) – e *desenvolver métodos e ferramentas adequadas* para o emprego, num *sentido “pós-transcendental”*, das ferramentas conceituais e das análises constitutivas que a fenomenologia pode oferecer.

### A Crítica de Husserl ao Psicologismo.

No primeiro volume das *Investigações Lógicas*, intitulado *Prolegômenos à lógica pura* (Husserl, 2014) e publicando em 1900, Husserl desenvolve uma crítica tão severa ao psicologismo, em todas as suas formas, que mesmo seu precedente trabalho sobre a *Filosofia*

---

2 Cf. mais adiante as esclarecimentos sobre este processo – chamado de “*Einströmen*” – na nota de rodapé Nr. 17.

3 Cf. Holanda, 1997; Sá & Barreto, 2011; Bezerra, 2012.

4 É notável a presença de uma discussão acerca da necessidade, possibilidade, viabilidade e mesmo justificação de uma naturalização da fenomenologia. Acerca disso, cf. Petitot, Varela, Pachoud & Roy (1999); Zahavi (2010).

da aritmética acaba por ser acusado exatamente disso, e, posteriormente, implicado criticamente por Husserl no embate frente ao psicologismo; de forma resumida, o psicologismo pode ser compreendido como a identificação errônea entre entidades psicológicas e entidades não-psicológicas, a exemplo dos princípios da lógica e da matemática, de modo que o segundo grupo é reduzido ao primeiro.<sup>5</sup> De fato ele chega a condenar sua tentativa de estabelecer os conceitos elementares da aritmética por meio de uma análise dos “conceitos em si mais simples e, desde o ponto de vista da lógica, dos conceitos básicos e primeiros” (Husserl, 1970, p. 294), começando com o conceito de número. Todas as construções aritméticas complexas têm sua origem e ponto de partida no conceito de número. Para fazer isso Husserl aplica essencialmente o método da “psicologia descritiva”: segundo a qual, para esclarecer a formação de conceitos, devemos descrever os atos psíquicos da intuição, ou seja, os conteúdos intencionais da intuição, nos quais tais conceitos são fundamentados. Vale ressaltar que imediatamente depois, no segundo volume das *Investigações Lógicas* (de 1901), Husserl, voltando (especialmente na *Sexta Investigação*) à consideração dos aspectos subjetivos das operações lógicas, não só está em condições de reavaliar, em parte, as investigações da sua *Filosofia da aritmética*, mas também de reduzir, em alguns aspectos, suas críticas ao psicologismo (ou aos métodos da “psicologia descritiva”). Isso quer dizer que para Husserl, por fim, tais objetos lógico-ideais e suas doações categoriais dadas intuitivamente, isto é, os objetos da lógica pura, são confrontados por questões gerais e essenciais dentro da teoria do conhecimento, o que implicaria a necessidade de uma análise fenomenológica profunda dos atos intencionais de conhecimento que estão envolvidos nesta complexa relação entre transcendência e imanência, de modo que torna-se possível, então, analisar a correlação pura entre objetualidade [*Gegenständlichkeit*] e conhecimento, o que Husserl viria a desenvolver sob o título de *Análise de Constituição* (Bernet, Marbach & Kern, 2016, pp. 50-55).

Os diferentes aspectos e argumentos desenvolvidos na crítica ao psicologismo podem ser reconduzidos até um núcleo fundamental de pensamento que foi formado em Husserl sob a influência de Bolzano, que, na sua *Wissenschaftslehre (Doutrina da ciência)* identifica as verdades lógicas com a *objetividade ideal*, a qual tem o caráter de objetividade “em si”. A reação a qualquer forma de psicologismo leva a Husserl, nos *Prolegômenos*, quase ao

---

5 Cf. Husserl, 1975, p. 22, 63; Husserl, 1984, p. 23.

extremo oposto do psicologismo, ao racionalismo. O pensamento fundamental, do qual se desenvolve a crítica do psicologismo, surge da necessidade de subtrair as proposições e as leis lógicas das interpretações relativistas e convencionalistas das leis naturais. Se as leis lógicas tivessem um fundamento empírico-indutivo (como, por exemplo, no psicologismo de John Stuart Mill)<sup>6</sup>, elas não passariam de leis *empíricas*, com um caráter de *mera probabilidade*; mas elas, ao contrário, não têm nada em comum com fatos empíricos, e devem ter o caráter da *necessidade* e da *universalidade*. Ligada a esta crítica a Mill está aquela que Husserl dirige a Theodor Lipps, segundo o qual as leis da lógica seriam as leis “naturais” do pensamento, ou seja, as leis segundo as quais o pensamento pensa, e seria apenas nesta dimensão em que se dá o processo de conhecimento; portanto segundo leis causais, ou leis reais, que governam os eventos psíquicos (assim como as leis da mecânica governam os movimentos dos corpos). Nesse sentido, a lógica seria mera subdisciplina da psicologia. Agora bem, para Husserl as leis lógicas são *leis ideais* e, como tais, elas não se sujeitam à *contingência e à relatividade das leis reais*. Os eventos psíquicos podem ser considerados, por um certo aspecto, como eventos reais e, como tais, sujeitos a leis reais, mas *as leis lógicas que aparecem nos eventos psíquicos, e a objetividade ideal delas, não dependem de tais eventos psíquicos*. Husserl afirma, portanto, que a verdade é “eterna”, melhor ainda, que é uma *ideia*, que está “além do tempo”<sup>7</sup>. De acordo com o caráter específico, típico e ideal da verdade enquanto ideia, Husserl afirma que *a verdade é uma ideia, da qual cada caso particular, p. ex. a atividade psíquica do juízo, é uma vivência particular*<sup>8</sup>. A “validade” ou “objetividade” de uma enunciação não diz respeito ao juízo individual enquanto vivência psíquica subjetiva e, portanto, temporal, mas diz respeito à enunciação enquanto *espécie*, em sua estrutura típica ou essencial (cf. Tugendhat, 1967).

6 Cf. Husserl, 1975, pp. 88-93.

7 Husserl sublinha que as leis da lógica, enquanto leis lógicas puras, pertencem à esfera do conhecimento “puramente conceitual”. Neste sentido, não se trata de verdades indutivas *reais* (ligadas à experiência) na forma dos *matters of fact* de Hume, pois sua origem e fundamentação não são conduzidas em conjunto com o conteúdo existencial delas mesmas, algo que traria um grau de ‘probabilidade’ que não corresponde com sua própria concepção enquanto leis ideais que, em absoluta exatidão, se mostram enquanto a única e solitária verdade, que exclui qualquer forma de possibilidade outra. Cf. Husserl, 1975, p. 80, 84.

8 Consultar por exemplo o exemplo da aritmética oferecido por Husserl no §23 da Hua XVIII (Husserl, 1975, p. 82, 84f, 241).

Além disso, no parágrafo 65 dos *Prolegômenos*, Husserl aborda o problema das condições de possibilidade de conhecimento em geral. Essas condições, diz ele, são em parte reais, em parte ideais; além disso, Husserl especifica que as primeiras são *condições psicológicas*, e que todas as condições causais das quais dependemos em nosso pensamento dizem respeito à possibilidade de conhecimento do ponto de vista psicológico.<sup>9</sup> Delas, na fenomenologia, é necessário “fazer abstração”, e dirigir-se às condições *ideais* que tornam o conhecimento possível. Elas são de duas espécies: podem ser *noéticas*, “se se fundamentam na idéia do conhecimento enquanto tal e a priori, sem qualquer relação com a particularidade empírica do conhecer humano no seu condicionalismo psicológico” (Husserl, 2014, p. 178); ou podem ser puramente *lógicas*, i.e. “fundam-se puramente no ‘conteúdo’ do conhecimento” (Husserl, 2014, p. 178). Destas duas espécies fundamentais de condições de possibilidade do conhecimento, de condições ideais do conhecimento, a que vem a assumir um caráter verdadeiramente decisivo é a segunda, a lógica, a que diz respeito à *objetividade pura do conteúdo*. De fato, Husserl atribui ao que ele chama de condições lógicas o valor de condições ideais no sentido primário e fundamental, uma vez que ele faz as mesmas condições noéticas dependerem de condições lógicas.

Outro elemento importante para entender a crítica de Husserl ao psicologismo e a cada concepção naturalista da filosofia (da qual o psicologismo, junto com o antropologismo, representariam uma consequência inevitável) consiste em aclarar *a especificidade da atitude fenomenológica, contrastando-a com o que Husserl chamou de “atitude natural”*. A atitude fenomenológica consiste em uma atitude reflexiva e analítica, a partir da qual se busca fundamentalmente elucidar, determinar e distinguir o sentido íntimo das coisas, a coisa em sua “doação originária”, tal como se mostra à consciência numa intuição direta. Trata-se de descrever a doação originária do coisa à consciência a enquanto objeto de pensamento – e portanto de “voltar às coisas mesmas”. Analisar o sentido desta doação, atualizado no ato de pensar, explicitando intuitivamente as significações que se encontram ali virtualmente implicadas nas *cogitationes* atuais e não-atuais, bem como nas diferentes modalidades de aparecer na própria consciência intencional, é a tarefa da análise fenomenológica<sup>10</sup>. Explorar a riqueza deste universo de significações que a coisa – enquanto *cogitatum* – nos revela no ato

9 Cf. sobretudo Husserl, 1975, p. 239-240.

10 Cf. Husserl, 1972, p. 50f, 72-75; Husserl, 1976, p. 89, 92, 173ff.

intencional representa o *proprium* da atitude fenomenológica, considerada como um “discernimento reflexivo” sobre a própria vida de consciência.

Neste sentido, a tarefa de uma *crítica e teoria do conhecimento fenomenológicas* consiste em uma investigação acerca do que torna possível – acerca das condições de possibilidade a priori – da *correlação intencional* entre as vivências (e os atos cognoscitivos em geral) e as coisas conhecidas; relação que, na ingenuidade atitude natural, permanece despercebida<sup>11</sup>; é exatamente com base nessa atitude em que se conquista apenas conhecimento ‘mundano’ (*weltlich*), isto é, mero conhecimento acerca da transcendência do mundo, que é tomado como sendo em si mesmo constituído, i.e. como se seu ser fosse independente de qualquer consciência<sup>12</sup>. A grande “revolução copernicana” operada pela fenomenologia traduz-se na recondução do “enigma do conhecimento transcendente” – ou seja, da concepção clássica da verdade enquanto *adaequatio rei et intellectus* – às suas condições de possibilidade: o que torna possível o conhecimento do mundo? E qual o seu fundamento? Como pode afinal o humano, o sujeito psicofísico que habita o mundo, “estar certo da sua consonância com as coisas que existem em si, de as ‘atingir’?” (Husserl, 1973a, p. 3, tradução nossa), e aperfeiçoar o conhecimento científico deste mundo? O verdadeiro “enigma” da fenomenologia husserliana, e sua grandeza, concerne a *fundação da objetividade e da validade universal do conhecimento científico na subjetividade, nas operações da subjetividade – não mundana, mas transcendental*. Na atitude natural a possibilidade do conhecimento do mundo e da “realidade factual” que nos rodeia é considerada “como algo certo e inquestionável”: absolutamente óbvia e não-problemática aparece a relação entre uma consciência (empírica ou psicológica) e o mundo natural, revelado empiricamente para essa consciência em sua concretude. Mergulhada nesse “realismo ingênuo”, a consciência natural – tanto do senso comum quanto das ciências positivas – não se aperceberá do enigma do

---

11 Acerca da atitude natural, consultar especialmente os §§27 e 30 das *Ideias*. Após o abandono da atitude natural e da sua ingenuidade, realizada através da performance da *epoché*, revela-se a correlação existente entre consciência e mundo, “no qual o segundo apenas aparece *para* o primeiro, cujo terreno - agora purificado -, dá lugar à uma nova região de investigação cuja essência e correlação com o mundo se tornará objeto de estudo da fenomenologia” (Cf. Husserl, 1976, p. 74).

12 C.f. Husserl, 1976, pp. 107-109.

conhecimento transcendente em torno do qual gira a tarefa crítica da *reflexão fenomenológica* promovida pela fenomenologia husserliana.<sup>13</sup>

De fato, a *reflexão* representa para Husserl a auto-referência intencional da consciência, na qual esta se torna um tema para si mesma. Assim, a reflexão é a atividade decisiva da consciência para a fenomenologia: o “método fenomenológico move-se [...] em atos de reflexão” (Husserl, 1976, p. 162). Evidentemente tal dependência foi inicialmente um problema para o pensamento de Husserl, e isto tem a ver com o fato de que a reflexão, em sua definição mais geral segundo seu significado etimológico, contém o movimento de “curvar-se” do pensamento sobre si mesmo e sobre seus objetos. Na reflexão “sobre a relação entre conhecimento e objeto”, a insuperável transcendência do que é conhecido pode conduzir à convicção – de tipo céptico – de que a possibilidade do conhecimento em geral, no que diz respeito à sua validade, fique oculta, abismada de forma inalcançável em um “enigma”. Contudo, justamente quando “toda ciência natural [...] e todo método científico natural” deixa de ser “um bem disponível” (Husserl, 1973a, p. 18) para o pensamento, e para a sua auto-explicação, abre-se a separação abismal entre ciência natural e filosofia. De fato, a proposta de uma teoria fenomenológica do conhecimento – introduzida programaticamente nas famosas cinco preleções sobre *A ideia da fenomenologia* – é o ponto de partida para a inclusão do conceito de reflexão no método fenomenológico porque ela não só permite que inicialmente surja o problema céptico, mas também leva à sua solução fenomenológica, trazendo à vista a fundamental correlação (noético-noemática) entre o conhecimento imanente e o ser transcendente na consciência intencional. Este acesso à correlação fenomenológica a priori, às estruturas essenciais da vida da consciência e ao seu progressivo descobrimento analítico é assegurado no ato da reflexão segundo dois aspectos fundamentais.

---

13 Husserl destaca em diversas passagens (cf. p. ex. Husserl, 1976a, p. s117) a diferença básica e fundamental entre o transcendente e o transcendental: quando se fala de conhecimento transcendente se fala do conhecimento do mundo, daquilo que não é imanente à consciência; diferente disso, o transcendental refere-se ao caráter filosófico de análise acerca das condições de possibilidade do conhecimento, da objetividade etc. Sobre o “problema do transcendental” na filosofia husserliana e sobre o projeto de uma fenomenologia transcendental, nascida a partir da psicologia descritiva característica das primeiras fases do pensamento husserliano, cf. Giubilato, 2017, 30-53. Sobre o uso e os significados do “enigma” na fenomenologia cf. paradigmaticamente Husserl, 1973a, p. 20, 21, 24, 27, 32, etc.

Em primeiro lugar, no ato da reflexão a atenção dirige-se a um ato de consciência que, antes disso, foi executado e aconteceu, de forma pré-reflexiva, na assim chamada “consciência de ato”. Agora a reflexão pode aprendê-lo enquanto objeto intencional. Além disso, dado que a reflexão é intencionalmente estruturada da mesma forma que a percepção externa (dos objetos transcendentais), Husserl a chama de “auto-percepção” (Husserl, 1952, p. 248), ou de *percepção fenomenológica* (Husserl, 1987, p. 371). Aquilo que nela é dado à consciência – aquilo que aparece, o fenômeno –, diversamente do caso da percepção externa, é dado sem adumbramentos, além da multiplicidade das seções e parcialidades perspectivas, na sua totalidade. A reflexão, portanto, embora não produza experiência evidente, possibilita que a experiência evidente se torne irrefutável: só a dúvida, a reflexão crítica pode reconhecer a “inconcebibilidade do não-ser” (Husserl, 1973b, p. 56) da evidência, e sua apodicticidade.

Em segundo lugar, a reflexão é o único ato de consciência que pode captar, conscientemente, a vida da consciência. Só a reflexão é capaz de tematizar uma outra consciência, como por exemplo a consciência da experiência externa na sua doação consciente, sem aderir ingenuamente à sua pretensão ontológica (que considera a consciência como um ente psicofísico) e à sua crença na validade ontológica (que considera a consciência como ente no mundo existente) – como acontece no caso do psicólogo empírico. Pelo contrário, a possibilidade da reflexão exige de ser radicalizada numa reflexão transcendental-fenomenológica, que, em contraste com a reflexão “natural” (ou psicológica) da “vida cotidiana”, realiza uma “epoché universal em relação ao ser ou não ser do mundo” (Husserl, 1973b, p. 72). Em contraste com a reflexão na psicologia, que interpreta a natureza da consciência “objetivamente”, a reflexão fenomenológica “pura” não consiste em uma “experiência psicológica” ou numa “apercepção” da consciência e do que é dado na consciência enquanto ente. Portanto, com esta reflexão pura, ou transcendental, o fenomenólogo estaria atuando uma atividade que, de certa forma, não se mantém na “pré-doação do mundo” (Husserl, 1973b, p. 57, 60) da mesma forma que todos os outros tipos de reflexão que podem ser realizados na atitude natural mundana, mas que “transcende” a doação ingênua do mundo enquanto existente. Na reflexão fenomenológico-transcendental, o “fluxo das vivências” torna-se, junto com todas as suas múltiplas ocorrências, com todos seus aspectos e caracteres intencionais, “evidentemente compreensível e analisável”. Assim, a reflexão e a análise fenomenológicas tornam possível uma *descrição* rigorosa, tanto dos aspectos noéticos como noemáticos, das modalidades de aparência dos objectos para os

quais os atos intencionais são dirigidos, mas sem cair numa interpretação empírica-natural desta aparência na consciência.– como, em última instância, seria o caso do psicologismo, que consiste justamente naquela doutrina segundo a qual há uma identificação e coincidência essencial entre entidades ideais (p. ex. as leis da lógica, da matemática etc.) e as leis empíricas e psicológicas (e.g. as leis da psicologia, do pensamento). Contra uma concepção naturalista e psicologista da consciência, da sua atividade e sobretudo da análise dela possibilitada através de uma reflexão não simplesmente psicológica, Husserl destaca de forma enfática que o fenomenologizar consiste, essencialmente, na descrição e (consequente comunicação) de uma *experiência transcendental* – o que, em termos kantianos, seria um puro oxímoro, uma justaposição paradoxal de termos que identificam âmbitos e conceitos opostos. De fato, com a epoché inaugura-se segundo Husserl o espaço para uma nova atitude: a atitude fenomenológico-transcendental. A fenomenologia depende essencialmente desta forma nova de experiência. A suspensão e a colocação entre parêntesis da validade do mundo, da pretensão ingênua da crença (sempre óbvia) na sua existência, permite a entrada na esfera, e com isso acesso à única fonte de verdadeiro conhecimento: a subjetividade transcendental<sup>14</sup>. A partir de agora tudo passa pela crítica às evidências naturais ligadas à experiência mundana: se perde a ingenuidade da experiência natural, mas em contrapartida ganha-se a possibilidade de uma ciência transcendental da mesma, na qual se examinam as operações (antes ocultadas) da consciência, graças às quais torna-se possível a aparência do mundo. O que vem à luz não é tanto a experiência como tal, mas sim a vida transcendental da consciência que realiza a experiência mundana – uma vida centrada no *ego*, mas que está simultaneamente relacionada com múltiplos e variáveis objectos intencionais. Esta não é mais a experiência ingenuamente (ou psicologicamente) compreendida, nem o são os objetos desta experiência mundana que, reflexivamente, o fenomenólogo apreende em suas descrições, análises e reflexões, e que descobre enquanto fios condutores, ou índices, das *operações transcendentais* nas quais a *experiência mundana* é constituída.

A fenomenologia transcendental será, portanto, uma fenomenologia da consciência constituinte (de fato pode-se dizer que, em Husserl, “ser evidente” é sempre um “ser constituído”). Exercer a *epoché* é o primeiro passo para poder, sucessivamente, *reduzir a*

---

14 Cf. §8 das *Meditações Cartesianas*.

*consciência psicofísica à consciência transcendental, pura, absoluta, impedindo que a verdadeira e autêntica objetividade desapareça no domínio psicológico.*

## O Grande Além. Encontros entre Fenomenologia e Psicologia

As conexões entre fenomenologia e psicologia (e as disciplinas da *psique* em geral) são, sem dúvida, muitas, muito complexas e envolvem uma grande quantidade de temáticas. Pensamos ao contexto no qual a mesma fenomenologia surgiu, marcado pelas solicitações da psicologia empírica, da psicologia fisiológica e científica que, no final do século XIX encontrava-se em fase de grande florescimento (lembramos aqui apenas os nomes de Wilhelm Wundt, Hermann Lotze e Wilhelm Windelband). Além disso, não deve ser desconsiderada a grande influência de Brentano, e da sua *Psicologia desde ponto de vista empírico* (de 1874, reeditada em 1911), que foi absolutamente determinante para a formação da posição husserliana, e para o desenvolvimento da sua grande polêmica com o psicologismo e contra uma fundação psicológica da lógica e das leis lógicas.

Mais especificamente, a conferência inaugural de 1917, com a qual Husserl assumiu a vaga na universidade de Freiburg e começou sua atividade docente (até 1928) naquela instituição, representa um importante ponto de convergência de vários elementos que iam se desenvolvendo na concepção husserliana a partir da publicação das *Investigações Lógicas* (1900/01), da *Filosofia como ciência rigorosa* (de 1911) e, sobretudo, das *Ideias* (de 1913). A palestra foi concebida pelo Husserl a partir de duas partes, interligadas e complementares: a primeira, intitulada *Fenomenologia e psicologia*, e a segunda dedicada à temática da *Fenomenologia e teoria do conhecimento*. Nelas, ele pretendia ressaltar a novidade e a originalidade da proposta fenomenológica contra as interpretações em chave psicologista, e operar uma clarificação das pressuposições metodológicas da sua filosofia: sobretudo o anti-naturalismo e a crítica à naturalização da consciência, que já estavam já no centro do ensaio *Filosofia como ciência rigorosa*. Esta apresentava a reflexão fenomenológica como uma “reflexão pura”, qualitativamente distinta da *inspectio sui*, ou seja da introspecção psicológica que realizar-se-ia no *cogito me cogitare*. Podemos perceber, então, como nesta fase do pensamento husserliano a relação com psicologia era apresentada (ainda) em termos polêmicos, e (já) por meio de uma delimitação qualitativa dos respectivos campos de pesquisa.

Porém, a partir dos anos 20 assistimos a uma progressiva modificação e a uma transformação muito interessante com respeito à relação da fenomenologia husserliana com a psicologia. Esta não se limita mais a uma mera oposição; e conflui em uma profunda confrontação, quase uma inclusão (em função propedêutica) da psicologia no projeto e no sistema aberto da fenomenologia transcendental. Pensemos, nesse caso, aos cursos ministrados por Husserl em 1925, intitulados *Psicologia fenomenológica*, nos quais destaca-se o amplo confronto com Dilthey, cujo grande mérito na oposição ao positivismo teriam sido suas contribuições para uma fundação da psicologia enquanto *ciência do espírito*. De fato, neste importante texto (publicado no final dos anos sessenta e merecedor de uma célere tradução para o português!) Husserl quer mostrar que as investigações fenomenológicas abrem o campo para um novo tipo de psicologia, e que, portanto, com as análises fenomenológicas surge *um novo tipo de psicologia*. O desempenho da fenomenologia é aqui examinado por Husserl especificamente *com relação ao elemento psicológico que lhe é necessariamente inerente, embora a fenomenologia não possa ser limitada a este elemento de contato com a psicologia*. A psicologia implícita na fenomenologia seria caracterizada, segundo Husserl, principalmente por dois momentos aparentemente contraditórios: 1) a descrição das vivências e 2) o desvelamento (progressivo ou regressivo) do *apriori*, ou seja daquele elemento eidético-universal que não depende de alguma experiência mundana, e que porém chega a manifestar-se nela.

É possível combinar estes opostos? A descrição pressupõe um dado psicológico – uma doação imediata das operações, ou atos, da consciência – que se torna acessível através da experiência. O *apriori*, por outro lado, deve conter as condições de possibilidade da experiência. Estas condições não podem ser simplesmente tornadas acessíveis em uma análise empírica: portanto, a psicologia é obrigada a abandonar seu caráter empírico, a se transformar em uma psicologia a priori. Assim, segundo Husserl, *a nova psicologia fenomenológica pré-transcendental* teria que ser uma disciplina que harmoniza, ao mesmo tempo, tanto uma descrição das vivências psíquicas como uma abstração a priori das suas estruturas universais. Os momentos a priori não devem ser deduzidos ou construídos, mas devem ser acessíveis por meio de uma intuição direta das essências [*Wesensschau*] e de uma “variação eidética”

[*eidetische Variation*] dos conteúdos fenomenais, as quais possibilitariam a realização de um processo de abstração que do empírico-factual vai ao eidético-apriori<sup>15</sup>.

Qual seria então a diferença entre psicologia fenomenológica e fenomenologia? Na medida em que não realiza a volta transcendental, e na medida em que não abandona a atitude natural, a psicologia fenomenológica pode ser considerada um estágio propedêutico para a execução da fenomenologia transcendental (Husserl, 1968, p. 48; 247f; Zahavi, 2010, p. 10). E de fato a questão da possibilidade da transição da atitude natural até a atitude fenomenológica, ou transcendental, ocupou Husserl largamente, e é com razão um *locus classicus* da pesquisa fenomenológica (Husserl, 1976, pp. 61-66). Ele concebeu diferentes modos de alcançar a fenomenologia, de começar a fazer fenomenologia: “diferentes caminhos levam ao mesmo *desideratum* de uma ciência da subjetividade transcendental”, afirma-se no famoso *Prefácio* de 1930 às *Ideias I* (Husserl, 1959, p. 148). Além do famoso caminho “cartesiano”, no qual um *ego* solitário e individual medita e invoca a ideia da ciência universal e eterna (*philosophia perennis*) e sua auto-justificação na evidência da experiência, e do caminho através do “mundo da vida” (*Lebenswelt*), Husserl desenvolveu também várias considerações sobre a possibilidade de acessar ao campo transcendental também através de uma *transposição que atravessa a psicologia*.

No mesmo tempo, a psicologia fenomenológica pode aproveitar e reinterpretar em função das suas necessidades as análises da fenomenologia transcendental; ela pode configurar-se assim como *psicologia fenomenológica pós-transcendental*, ou seja como disciplina eidética da *psique* que aproveita e discute, “de volta na mundanidade” (e nas exigências científicas ou clínicas que nela surgem), os resultados, os esclarecimentos e as questões levantadas pela reflexão fenomenológico-transcendental.

Outros documentos fundamentais, em linha com estas considerações, são seguramente o artigo para a *Enciclopédia Britânica* de 1927 e suas diferentes versões, surgidas da tentativa de colaboração com Heidegger; e também as palestras que Husserl ministrou, em abril de 1928 em Amsterdã, sobre *Fenomenologia e Psicologia*. Para a tentativa de superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo e, com relação ao problema transcendental, de alcançar uma fundação rigorosa de todo sentido e da validade de toda objetividade nas

---

15 Husserl oferece uma explicação bastante completa acerca do tema da *Wesensschau* no §9 da *Husserliana IX* (Cf. Husserl, 1968, pp. 72-87).

operações da subjetividade transcendental, destacam-se as palestras de 1931 sobre *Fenomenologia e antropologia* (Husserl, 2019), dado que para Husserl antropologia e psicologia, ou melhor dito antropologismo e psicologismo, são dois lados da mesma moeda, ou duas faces do mesmo fenômeno: do “naturalismo”, ou daquela “naturalidade ingênua” citada inicialmente.

Em primeiro lugar, Husserl destaca que, se o método fenomenológico da *epoché* prevê que o mundo da experiência obviamente existente seja “colocado em questão”, também o meu ser enquanto ser humano, enquanto entidade existente com outras pessoas e entre outras realidades do mundo deve ser questionado. Ou seja: também o sujeito e não só o mundo é acometido pela *epoché*, pela “suspensão da validade” e a “colocação entre parêntesis” – neste caso do sentido e da validade ingênua da obviedade do meu existir como sujeito em um mundo.

Enquanto ego, não sou para mim mesmo o ser humano no mundo existente, mas o ego que questiona o mundo em relação a todo o seu ser e, portanto, também em relação ao seu ser-assim, o ego que vive sim na experiência universal, mas que coloca entre parêntesis a validade dela. [...] O mundo agora é mundo “entre parênteses”, mero fenômeno, fenômeno de validade do fluxo da experiência, da consciência em geral, que agora é consciência reduzida transcendentalmente. Dela, este fenômeno de validade universal que é o mundo é evidentemente inseparável (Husserl, 2019, p. 658).

Eis aqui então que encontramos a famosa correlação fenomenológica entre o mundo – e o fenômeno da sua validade universal – e o fluxo da experiência, a consciência em geral, ou seja absoluta, não psicofísica mas “purificada” de toda característica natural e mundana. Como Husserl já tinha escrito nas *Ideias*:

A consciência absoluta - o campo fundamental da fenomenologia - é, por essência, independente de todo ser mundano, natural, e também não precisa dele para sua existência. A existência de uma natureza não pode condicionar a existência da consciência, uma vez que ela mesma se mostra como correlato da consciência; ela [a natureza] somente é enquanto se constitui em nexos regrados de consciência (Husserl, 2006, p. 118-119).

O processo pelo qual é possível alcançar este campo fundamental da fenomenologia, ou seja, o campo transcendental “independente de todo ser mundano e natural”, é evidentemente aquilo que se chama de *redução fenomenológica*, através da qual se estabelece o “espectador transcendental” e surge “o fenomenólogo”.

Assim, a atitude fenomenológica, com a sua *epoché*, consiste em que eu obtenho o derradeiro ponto de vista pensável de experiência e de conhecimento, em que me torno o espectador desinteressado do meu eu mundano-natural e da minha vida egóica, a qual constitui apenas um fragmento particular, ou um estrato particular, da minha vida transcendentalmente desvendada (Husserl, 2013, p. 13-14).

O que é importante aqui é, sobretudo, que não se trata de uma abstenção temporária da crença em relação ao ser do mundo, mas sim de uma abstenção deliberadamente persistente que vincula de uma vez por todas como fenomenólogo. Aliás ela é o *medium* necessário e insubstituível para a atividade reflexivo-fenomenológica sobre a experiência em geral, ela é o dispositivo que abre um “campo fundamentalmente novo de experiência e de conhecimento”: justamente o campo transcendental. “Com efeito, contra todas as expectativas, abre-se aqui um campo de investigação enorme, e unicamente através da redução fenomenológica” (Husserl, 2019, p. 172).

Porém, Husserl bem sabe que as tentações de cair na incompreensão, de recair em concepções que pertencem à atitude natural e seus saberes são quase incontroláveis. Como ele afirma:

É óbvio demais dizer a si mesmo: Eu, este homem, sou aquele que pratica toda a metodologia da mudança de atitude transcendental, e que assim se retira para o seu ego puro; então o que é este ego além de uma camada abstrata no homem concreto, seu puro ser espiritual, enquanto é abstraído do corpo? Obviamente, quem fala assim voltou à atitude ingênua-natural, seu pensamento se move no solo do mundo pre-dado, em vez de [mover-se] na esfera de influência da *epoché*: tomar a si mesmo como ser humano já é pressupor a validade do mundo. Através da *epoché*, porém, torna-se evidente que é na vida [transcendental] do ego que a apercepção “ser humano”

recebe o seu sentido ontológico dentro da apercepção universal “mundo” (Husserl, 2019, p. 172-173).

É preciso então manter o novo campo transcendental de experiência e julgamento nitidamente separado do campo natural-mundano, e também considerar a subjetividade transcendental separada do eu empírico mundano, porque “toda teoria sobre o ser humano, seja ela empírica ou a priori, pressupõe já o mundo existente ou possivelmente existente” (Husserl, 2019, p. 179). Toda filosofia que parte da existência humana [*vom menschlichen Dasein her*], que assume a vida (humana e não-humana) como fato absoluto, cai assim “de volta” naquela ingenuidade da vida natural que a fenomenologia se esforça de superar. “Depois de que esta ingenuidade é finalmente revelada, depois de que o verdadeiro problema transcendental é alcançado na sua necessidade apodítica, não há retorno” (Husserl, 2019, p. 179).

Para resumir a nossa posição, e ressaltar uma vez mais a especificidade da fenomenologia transcendental perante as propriedades de uma abordagem psicológica da subjetividade, podemos afirmar, junto com Fink, que “na medida em que a analítica fenomenológica das vivências não tenha sido ainda incluída na teoria constitutiva da mundanização, ela coincide com a análise psicológica das vivências” (Fink, 1929, p. 33). Porém, desde uma perspectiva filosófica “somente se a análise da consciência permanecer restrita à ‘constituição de objeto’ [*Gegenstandskontitution*], tanto no sentido mais estreito quanto no mais amplo, é que a tese acima, segundo a qual a psicologia interna dever-se-ia transformar em fenomenologia pode ser compreendida. Assim, ‘todos’ os problemas constitutivos entrariam para a psicologia interior: como surgem e são formadas as unidades objetais na multiplicidade subjetiva” (Fink, 2008, p. 271).<sup>16</sup> Se a fenomenologia, por outro lado, desenvolve-se plenamente como ciência transcendental da constituição (do mundo, da subjetividade, e do sentido das coisas), configurando-se assim a tarefa de uma compreensão fenomenológica na responsabilidade de “abrir os olhos” à pesquisa empírica factual e explicitar, aclarar, mostrar e questionar as pressuposições e os preconceitos metodológicos e ontológicos sobre os quais funda-se cada uma das ciências mundanas, então isso significa que o “grande além” (isto é, tudo aquilo que de modo absolutamente geral se encontra para além

---

16 Sobre isso cf. Coli, 2020.

da esfera imanente, a qual temos um acesso privilegiado) que separa a filosofia fenomenológico-transcendental e as disciplinas da psique consiste precisamente na assunção explícita e na elaboração analítica do problema da *constituição do caráter mundano (ou seja da mundanização) da subjetividade transcendental*: Ou seja, na análise regressiva, genético-ontológica, de como e por meio de qual processo a subjetividade transcendental absoluta, pura, constituinte, não-humana se constitui (se “encarna”) em um sujeito psicofísico, em um sujeito concreto, encarnado, constituído: em uma pessoa.

Estamos de volta, aqui, na questão inicial do nosso texto: a da “mundanização psicológica do transcendental”, ou da “constituição psicológica do transcendental no mundo”. No breve manuscrito citado inicialmente, ao tratar explicitamente da *psicologização da fenomenologia*, Husserl escreve:

Tudo se psicologiza, inserindo-se assim no mundo, para ser atribuído às almas humanas. Eu, o fenomenólogo, e nós, os fenomenólogos, podemos sempre regressar ao mundo e à humanidade, e temos que encontrar no mundo todo o transcendental mundanizado nas almas. Na *naturalidade ingênua as almas, por assim dizer, ficaram presas na incompletude*. Através da atividade fenomenológica, que transcende o mundo natural, elas entram em movimento, seu sentido ontológico ganha constantemente novos crescimentos, na forma de novas mundanizações do transcendental (Fink, 1988, p. 213).

A grande questão, agora, a tarefa de uma fenomenologia psicológica porvir, será justamente investigar e aprofundar na análise das formas de mundanização do transcendental. Até aqui, porém, resulta claro o caminho que desde uma crítica ao psicologismo, e desde uma posição de oposição a ele, a fenomenologia husserliana passa a desenvolver mesmo uma inclusão da psicologia no sistema da fenomenologia transcendental.<sup>17</sup> Embora a psicologia

---

17 Cf. sobretudo o texto da *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, onde Husserl trata sistematicamente do vínculo entre psicologia e fenomenologia, da psicologia enquanto disciplina que oferece um “caminho” ou um ponto de acesso à fenomenologia, do sentido que uma psicologia fenomenológica pode assumir “antes” e “depois” da redução, e também do problema do “afluxo” [*Einströmen*] do transcendental na esfera mundano-psicológica. Em um manuscrito preparatório para esta grande obra, datado em 1935, Husserl escreve que “toda a subjetividade mundana, toda sua vida psíquica e todo seu conteúdo intencio

fique “deste lado”, na atitude natural e nas exigências concretas que dele se desprendem, e embora o âmbito transcendental continue sendo para ela “o grande além”, estão definitivamente estabelecidas assim as condições para um diálogo, e para uma convergência a partir de divergências. Resulta evidente, enfim, que ainda existe uma grande quantidade de materiais e de textos que podem (e devem) ser estudados (e ainda traduzidos!) para poder fortalecer e desenvolver a pesquisa sobre a função propedêutica que Husserl concebe para a psicologia, sobre o caráter funcional da psicologia para uma introdução à fenomenologia, e sobre a possibilidade de aproveitar os *insight* da fenomenologia transcendental em um sentido *pós-transcendental*, que possa explorar “as formas de novas mundanizações do transcendental”, salvaguardando a especificidade de ambas disciplinas por meio de um diálogo comum.

## Referências

- Bernet, R., Marbach, E., & Kern, I. (2016). *Edmund Husserl: Darstellung seines Denkens*. Hamburg: Felix Meiner Verlag
- Bezerra, M. E., & Bezerra, E. (2012). Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. *Revista NUFEN*, 4/2, 21-36.
- Coli, A. L. (2020). Notas Sobre O Projeto Da Fenomenologia Meôntica De Eugen Fink. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 1(3), 423-435. Recuperado de: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/60>
- Fink, E. (1988). *VI Cartesianische Meditation. Teil 1: Die Idee einer transzendentalen Methodenlehre*. Dordrecht: Kluwer.
- Giubilato, G. J. (2017). *Freiheit und Reduktion*. Nordhausen: Traugott Bautz.

---

transcendental mundanizado” (Husserl, 1993, p. 77), e que “o transcendental que constitui tanto o físico como o psíquico mundano assume, necessariamente, a forma sensível do psíquico” (Husserl, 1993, p. 78). Assim, “o mundo (*mundus*) em sentido comum, aquele da ingenuidade transcendental, recebe o sentido transcendental enquanto o mundo constituído transcendentalmente da intersubjetividade transcendental, <e> os sujeitos mundano <assumem> o sentido de mundanizações” (Husserl, 1993, p. 77), dado que – uma vez mais – “tudo aquilo que é humano-mundano é mundanização do transcendental” (Husserl, 2002, 603). Portanto, até as mônadas – para utilizar a terminologia husserliana típica da *Crise* – “são mundanizadas como sujeitos psíquicos” (Husserl, 1973c, p. 640). O tema aparece não só nos estudos preparatórios para a *Crise*, mas também em vários manuscritos sobre o problema da temporalidade e da constituição temporal originária (cf. Husserl, 2006, p.

- Goto, T. A., Holanda, [A. F.](#), & Costa, I. I. (2018). Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl. *Revista do NUFEN*, 10, 38-54. Doi: [DOI: 10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo35](https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo35)
- Holanda, A. (1997). Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. *Estudos de psicologia*, 14/2, 33-46.
- Holanda, A. (2016). *Fenomenologia e Psicologia no Brasil: Aspectos Históricos*. *Estudos de Psicologia*, 33/3, 383-394.
- Husserl, E. (1952). *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Zweites Buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution* (Hua IV). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1959). *Erste Philosophie (1923/24). Zweiter Teil: Theorie der phänomenologischen Reduktion*. (Hua VIII). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1968). *Phänomenologische Psychologie: Vorlesungen Sommersemester 1925*. (Hua IX). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1970). *Philosophie der Arithmetik. Mit ergänzenden Texten (1890-1901)*. Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1973a). *Die Idee der Phänomenologie. Fünf Vorlesungen*. (Hua II). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1973b). *Cartesianische Meditationen* (Hua I). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1973c). *Zur phänomenologie der Intersubjektivität. Texte aus dem Nachlass. Dritter Teil: 1929-1935*. (Hua XV). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1975). *Logische Untersuchungen. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik*. (Hua XVIII). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1976a). *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. Vol. 1* (Hua III/1). Den Haag: Nijhoff.
- Husserl, E. (1984). *Logische Untersuchungen. Zweiter Band. Erster Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. (Hua XIX/2). Dordrecht: Nijhoff.
- Husserl, E. (1987). *Aufsätze und Vorträge (1911-1921)*. (Hua XXV). Dordrecht: Nijhoff.
- Husserl, E. (1993). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Ergänzungsband: Texte aus dem Nachlaß 1934-193*. (Hua XXIX). Dordrecht: Springer.

- Husserl, E. (2002). *Zur phänomenologischen Reduktion. Texte aus dem Nachlass (1926-1935)*. (Hua XXXIV). Dordrecht / Boston / London: Kluwer.
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. (Trad. M. Suzuki).. Aparecida: Ideias & Letras.
- Husserl, E. (2006b). *Späte Texte über Zeitkonstitution (1929-1934): Die C-Manuskripte*. Dordrecht: Springer.
- Husserl, E. (2013). *Meditações cartesianas e conferências de Paris*. Trad. P. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Husserl, E. (2014). *Prolegômenos à lógica pura*. Trad. D. Ferrer. Rio de Janeiro: Forense.
- Husserl, E. (2019). *Fenomenologia e antropologia*. Aurora 31/53, 639-667.
- Orengo, F., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020). Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: uma compreensão empírica. *Psicologia em estudo*, 25, 45-65. Doi: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45065>.
- Petitot, J., Varela, F. J., Pachoud, B., & Roy, J. M. (1999). *Naturalizing Phenomenology: Issues in Contemporary Phenomenology and Cognitive Science*. Stanford: Stanford University Press.
- Reis, B. B; Holanda, A. F. & Goto, T. A. (2016). Husserl e o Artigo para Enciclopédia Britânica (1927): Projeto de Psicologia Fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, 21, 399-409.
- Sá, R. N., & Barreto, C. L. (2011). A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos de psicologia*, 28/3, 389-394. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300011>
- Tugendhat, E. (1967). *Der Wahrheitsbegriff bei Husserl und Heidegger*. Berlin: de Gruyter.
- Zahavi, D. (2010). *Naturalized Phenomenology*. In Gallagher, S. & Schmicking, D. *Handbook of Phenomenology and Cognitive Science*. New York: Springer.

Recebido em 12.11.2020 – Primeira Decisão Editorial em 06.01.2021 – Aceito em 25.02.2021